

***FIQUE FIRME***  
***Um guia para defender a***  
***democracia***

***[cada um de nós pode fazer a sua parte]***

Tradução adaptada do [Hold the Line Guide](#) para o contexto eleitoral do Brasil em 2022. Os textos de referência dos links internos permaneceram em inglês. Compartilhe este guia e ajude-nos a espalhar essa mensagem!

## **MUDANÇA DESEJADA**

Neste guia, a mudança desejada baseia-se numa combinação de engajamento cívico e resistência civil não-violenta.

O engajamento cívico diz respeito a entender como funcionam as instituições e os processos democráticos, garantindo que os cidadãos estejam organizados e participem plenamente desses processos. Ainda que as nossas instituições estejam fragilizadas ou corrompidas, é importante continuar buscando o engajamento e fortalecê-las para que cumpram seus propósitos democráticos.

Nesse sentido, como mencionamos, os esforços para defender a democracia incluem garantir que as pessoas estejam **habilitadas a votar e possam ir às urnas**; assim como **possam atuar de forma voluntária na defesa dos resultados do processo eleitoral**. Um grande número de votantes, por si só, é essencial. Uma votação em peso é um grande estímulo para os esforços de proteção eleitoral, tendo em vista a possibilidade de que o comparecimento expressivo às urnas leve a um resultado mais evidente para declarar um vencedor.

Ao nos envolvermos com as eleições, também reconhecemos que houve um colapso nas instituições governamentais do Brasil nos últimos anos. Subornos, corrupção, ameaças, intimidação, desonestidade extrema, ataques a pessoas que fizeram denúncias, violações contínuas de normas e processos democráticos, demonização de opositores, declarações de incitação à violência e nomeações que parecem baseadas em clientelismo e lealdade pessoal provocaram danos reais à nossa democracia.

Por isso, se o governo Bolsonaro e seus aliados se recusarem a respeitar os resultados eleitorais ou tentarem impedir que as eleições ocorram dentro da legalidade institucional, precisaremos ativar outra forma de poder para corrigir esse desequilíbrio. Esse poder diz respeito a muitas pessoas engajadas na resistência civil, recusando a cooperar com abusos, de forma estratégica e organizada (por exemplo, por meio de greves, boicotes, protestos e outras ações não-violentas que exercem poder social, econômico e político), até que um governo democrático e responsável seja restaurado.

A resistência civil é muito mais impactante do que a maioria das pessoas supõe. Pesquisas documentam que, no mundo inteiro, movimentos não-violentos [tiveram muito mais sucesso contra governos opressores do que oposições](#)

violentas. Essas investigações apontam ainda que essa é uma das forças mais potentes para derrubar ditaduras e aperfeiçoar a democracia. Não é de se admirar, portanto, que líderes autoritários temam a não-violência. Eles tentam distrair as pessoas e escondem o temor à não cooperação em massa das populações que eles governam e exploram.

Se chegarmos ao ponto de oferecer resistência civil para combater a subversão eleitoral, olhar para as urnas e perguntar “quantas pessoas apoiam ou se opõem a um candidato” pode não ser a questão mais relevante para determinar o resultado. Em vez disso, a pergunta pode ser: **“Quantas pessoas estão se mobilizando ativamente para proteger a democracia e qual estratégia elas estão empregando?”**.

Esta seção detalhará como exatamente a resistência civil funciona. Aqui vão algumas perguntas que você pode estar se fazendo:

- 1. Entendo o conceito geral de resistência civil, mas poderia me dar mais informações sobre como isso funciona?**
- 2. Quanto aos desafios legais das eleições, como devemos enxergar esse componente da proteção eleitoral e como ele se relaciona com a resistência civil?**
- 3. Que tipo de tática devo empregar?**
- 4. Que tipo de mensagem devo usar em ações públicas?**
- 5. O que acontece se pessoas que participam de nossas ações começarem a ser violentas, afirmando que a resistência civil e os atos de violência podem funcionar juntos?**
- 6. E a destruição de propriedade?**
- 7. Como o outro lado responderá se usarmos a resistência civil para proteger as eleições? O que acontece se o outro lado ordenar uma repressão violenta ou seus apoiadores forem violentos?**

**1. Entendo o conceito geral de resistência civil, mas poderia me dar mais informações sobre como isso funciona?**

Sim! A maneira mais fácil de abordar esse tema é discutindo três princípios-chave que conferem poder à resistência civil. Esses princípios são:

1. Mudar os pilares do poder e obter deserções
2. Impor custos
3. Permitir a participação generalizada

### **Princípio 1: Mudar os pilares do poder e obter deserções**

Um conceito central da resistência civil é que todos os líderes dependem do consentimento e da obediência de muitas pessoas para permanecer no poder. Uma forma de enxergar isso é que todos os líderes dependem dos pilares do poder – instituições-chave que lhes fornecem habilidades, recursos, pessoas, legitimidade e outras capacidades – para realizarem suas vontades.

Cada governo tem suas características e nuances únicas, mas podemos falar de forma genérica de alguns pilares (há mais do que podemos listar) que existem na maioria dos governos:

### **PILARES DO PODER REGIME/STATUS QUO**

Empresas | Forças Armadas | Escolas | Imprensa | Burocracias | Polícia | Judiciário

Vistos de longe, alguns pilares podem parecer a mesma coisa. Mas um exame mais atento costuma revelar que as pessoas que ocupam os pilares do poder não são todas igualmente leais ou dispostas a realizar ou aceitar passivamente certos comportamentos do governo. Há tensão dentro dos pilares, mas a maior parte dessa tensão não pode ser vista pelo público. Quando observamos um juiz, um burocrata, um policial ou um empresário, é possível imaginar que cada um desses indivíduos integra uma grande instituição que se comporta de uma forma determinada. Mas nós não sabemos o que exatamente está acontecendo dentro de suas cabeças até que eles sejam forçados a agir.

Por exemplo, uma corporação pode parecer uma entidade única, mas os trabalhadores vinculados a ela há menos tempo podem ter atitudes, lealdades e interesses diferentes em relação àqueles das pessoas que ocupam a gerência ou outros ramos da organização. Encontramos diferenças inclusive em grupos como as polícias. Por exemplo, quando confrontados com os protestos do Black

Lives Matter, policiais responderam de formas variadas – em certa medida, refletindo diferentes orientações para as queixas e demandas do movimento. Alguns policiais se ajoelharam ou dialogaram com os manifestantes, dizendo que apoiavam o direito de as pessoas se manifestarem sem violência. Outros foram hostis e agressivos porque se sentiam assim pessoalmente ou porque foram ordenados a usar a repressão e a não resistir em relação a essas ordens. O ponto aqui é que cada pilar de sustentação é composto por milhares ou milhões de pessoas – e, embora os pilares possam parecer sólidos, não são uniformes nem monolíticos. Essa característica permite que um movimento realize ações e se comunique para levar pelo menos algumas pessoas desse pilar rumo à *deserção* (em breve, comentaremos o que esse termo significa exatamente).

Além disso, os comportamentos dos pilares são motivados por diferentes razões. Por exemplo, membros da comunidade empresarial podem aceitar as ações de um governo se elas implicarem ganhos financeiros. Mas se as pessoas que se queixam do governo fizerem com que as empresas comecem a perder dinheiro devido a um boicote ou greve, então essas empresas podem começar a pressionar o governo ou as autoridades para aceitar as demandas do movimento.

Outro exemplo de falhas potenciais no contexto dos pilares é que aqueles que atuam em instituições governamentais têm de jurar defender a Constituição. Eles não juram fidelidade a quem ocupa a presidência. Quando as pessoas nessas instituições são consistentemente desafiadas a ver que a obediência a certas ordens contribui, mesmo que minimamente, para subverter as eleições e violar seus juramentos, elas podem se tornar cada vez mais propensas a desertar. Em relação a essa questão, se você sabe que vai interagir com um funcionário do governo, encorajamos a pesquisa prévia sobre o juramento de posse que orienta a atuação desse funcionário.

As deserções podem parecer improváveis, mas a história e casos no mundo inteiro mostram que a resistência civil muitas vezes contribui para esse comportamento. De que forma isso se dá? A deserção pode ocorrer sutilmente, por exemplo, quando as pessoas começam a dizer que estão doentes ou a trabalhar devagar e de modo ineficiente para não executar determinadas ordens. É possível também que as pessoas adotem ações que tornam o trabalho mais burocrático, pedindo que solicitações sejam feitas por escrito, e não mais verbalmente; que determinações sejam assinadas por superiores para identificar quem são os responsáveis; ou que ordens questionáveis passem por uma análise jurídica antes de ser executadas. Em alguns casos, as pessoas dentro desses

pilares podem simplesmente ignorar ordens, não atacando manifestantes não-violentos, dando-lhes tempo para escapar, ou optando por não processá-los. Em outros casos, funcionários do governo podem optar por documentar e fornecer informações à imprensa sobre algum comportamento abusivo que estejam testemunhando, citando nomes de indivíduos envolvidos em corrupção ou na execução de ordens ilegais. Às vezes, as pessoas dentro dos pilares do poder podem contestar ordens direta e publicamente.

Normalmente, é difícil gerar formas mais evidentes de recusa e deserção dentro das instituições porque, para a maioria das pessoas, a recusa em obedecer a ordens pode resultar em perda de seus empregos e, possivelmente, em consequências legais. Sob esse tipo de pressão, a maioria das pessoas se conformará e tentará fazer mudanças silenciosas dentro das instituições, se estiverem infelizes. Mas as tentativas de subverter uma eleição representam uma circunstância rara, porque as questões em jogo são diretamente relacionadas à Constituição. Além disso, nesses casos, a defesa do juramento à Constituição e a desobediência de ordens ilegais pode resultar não em perda de emprego, e sim *na mudança de quem detém o poder*. Se uma pessoa recebe ordens ilegais do governo Bolsonaro e suspeita que Lula vencerá a eleição, essa pessoa tem motivo para hesitar, porque a obediência a ordens ilegais pode significar, em breve, no novo mandato, que ela seja responsabilizada.

Portanto, a resistência civil funciona quando pressiona pessoas nos pilares do poder para que comecem a mudar seu comportamento. Isso pode acontecer em grande escala, por exemplo, quando uma empresa decide que é financeiramente vantajoso aceitar as demandas de um movimento. Mas as mudanças também podem acontecer numa escala pessoal. Com o tempo, pessoas podem descobrir que estão começando a simpatizar com um movimento. Ou podem começar a desertar quando membros de suas famílias param de apoiar suas ações, quando sofrem pressão social frequente de amigos ou colegas ou quando alguém que elas conhecem se junta ao movimento. Outras podem tomar uma decisão por motivos pessoais, quando esperam ser vistas “do lado certo da história”. Essas pessoas podem desaprovar totalmente o movimento de resistência civil, mas à medida que perdem a confiança na sustentação de um governo autoritário, elas começam a se posicionar em relação a um novo futuro.

Muitas vezes, todas as razões acima interagem umas com as outras – à medida que algumas pessoas começam a desertar de um pilar, outras encontram coragem para fazê-lo e, em dado momento, outras começam a também duvidar da sustentação do líder autoritário e desertam por conta própria. Deserções

podem se propagar de modo acelerado, e é por isso que alguns líderes autoritários podem perder o poder rapidamente.

Um último ponto merece menção: para um movimento levar pessoas dentro dos pilares à deserção, **é fundamental que os ativistas mantenham um comportamento não-violento**. Geralmente, **pessoas que atuam em governos ou empresas não desertarão caso se sintam ameaçadas pela violência, pela desordem ou pelo caos provocado por ativistas que os estejam pressionando**. Tais ameaças tendem a reforçar lealdades já existentes, tornando essas pessoas mais propensas a obedecer a ordens autoritárias. Esta é uma razão pela qual autoritários tentam provocar comportamentos violentos em seus opositores.

### **Princípio 2: Impor custos**

Um segundo conceito-chave na resistência civil é a ideia de impor custos. Todo governo tem recursos limitados – há um número limitado de pessoas organizadas e treinadas disponíveis. Soma-se a isso que o dinheiro, os equipamentos, o tempo e as habilidades têm limites. O funcionamento de um governo custa caro e exige **muitos** recursos intensivos quando um governo tenta forçar as pessoas a obedecer a leis e decisões impopulares. Por isso, a maioria dos governos busca *dissuadir* comportamentos indesejados: fazendo uma demonstração de força em um lugar específico, espera-se que outras pessoas em outros lugares vejam o que aconteceu e se comportem voluntariamente como o governo deseja. Mas quando um grande número de pessoas não é dissuadido – e se recusa a deixar que o medo ou a confusão dirija seu comportamento – e, em vez disso, permanece focado, unificado e desobedecendo de forma não-violenta, os governos rapidamente ficam sem capacidade de coagir esse grupo.

Como evidência disso, pesquisas mostram que quando um movimento não-violento gera ampla participação, aumentam de forma expressiva as chances de vencer. Um [estudo inovador de 2011](#) analisou 106 movimentos não-violentos no mundo todo e descobriu que, quando 3,5% de uma população participava visivelmente, esses movimentos se tornavam vencedores (uma [pesquisa subsequente](#) expandiu essa conclusão para 167 casos, encontrando apenas duas exceções no período entre 1945 e 2014). Além disso, a maioria dos movimentos não-violentos venceu com menos de 3,5% de participação popular, mesmo enfrentando ditaduras que não hesitaram em usar a violência. Muitas pessoas juntas e engajadas em ações estratégicas de resistência civil são, evidentemente, mais poderosas do que se costuma supor.

Isso ocorre por várias razões. Quanto mais pessoas participam de um movimento:

- maiores os custos impostos ao oponente do movimento (observe que o termo “opponente” significa um adversário em uma disputa, não um inimigo. Existe um potencial de reconciliação com os oponentes se eles mudarem seu comportamento. As pessoas podem mudar).
  - maior a gama de ações realizadas (ou seja, uma greve que começa em uma fábrica pode se espalhar para várias fábricas à medida que mais pessoas se juntam) para criar várias formas de pressão.
  - mais habilidades e recursos são disponibilizados para o movimento.
  - mais provável que a repressão contra o movimento saia pela culatra e atinja os opressores.
- mais pontos de contato o movimento pode estabelecer por meio de relações que as pessoas possam ter com outras de cada pilar de sustentação, seja elas formais ou informais. Isso torna as deserções mais prováveis.

### **Princípio 3: Permitir a participação generalizada**

Emergindo diretamente do Princípio 2 sobre a importância de impor custos, surge a importância da participação ampla. Pesquisas mostram que um alto nível de participação pública é o fator mais importante para o sucesso de movimentos de resistência civil.

Felizmente, uma vantagem real da resistência civil é que ela é altamente inclusiva: pessoas de todos os gêneros, idades e origens socioeconômicas podem participar. Isto ocorre porque há [centenas de formas](#) pelas quais as pessoas podem se engajar em ações não-violentas, dependendo de para onde elas querem direcionar a pressão e das circunstâncias particulares em que se encontram. A resistência civil *não* diz respeito apenas a protestos. Alguém muito ocupado pode participar aderindo a um boicote de consumo e simplesmente deixando de comprar determinados produtos que sejam alvo de uma ação. Ou pode parar de assistir a determinados programas, ter certos comportamentos online. Essa pessoa também pode decidir adotar novos comportamentos. Já alguém com muito tempo e tolerância a riscos pode

participar de ações de linha de frente, como bloqueios e desobediência civil. Alguém que deseja ajudar, mas fica preocupado em estar na linha de frente, pode se engajar em pesquisas importantes para um movimento ou realizar ações de sensibilização em sua comunidade, envolvendo-se em protestos de baixo risco, planejando reuniões ou doando suas habilidades e fornecendo contatos para ajudar o movimento.

Portanto, se uma pessoa quer estar no centro da ação, ou exercer um papel de apoio, há espaço para diferentes esforços, habilidades e tipos de pessoas em um movimento de resistência civil. Muitas contribuições são necessárias.

É importante ressaltar que altas taxas de participação também estão vinculadas à não-violência. Se as pessoas passam a ser violentas em ações públicas, há um declínio documentado no número de pessoas que participam do movimento. A maioria das pessoas não quer se envolver em ações em que a oposição violenta esteja presente (isso é especialmente verdadeiro para crianças, idosos, pessoas com deficiência e, às vezes, mulheres e outros grupos populacionais), seja porque essas pessoas não concordam com a violência ou porque se sentem vulneráveis à repressão que vem em resposta. A resistência civil pode ser enfrentada com repressão, mas tende a ser enfrentada com muito menos repressão que a oposição violenta. E é muito mais provável que a repressão contra pessoas não-violentas [seja um tiro a sair pela culatra](#) dos detentores do poder que a ordenam.

## **2. Quanto aos desafios legais das eleições, como pensamos sobre esse componente de proteção eleitoral e como ele se relaciona com a resistência?**

É possível prever que haverá muitos desafios legais para tentar garantir que os resultados das eleições sejam respeitados e que as eleições ocorram tranquilamente. Nos referimos a esses desafios como uma abordagem “de cima para baixo”, pela qual pessoas com conhecimento especializado (advogados e juízes) se engajam em um processo que, em grande parte, exclui as pessoas comuns. As estratégias de cima para baixo têm sua relevância e são importantes, mas, por si só, dependem da integridade das instituições para que funcionem. O governo Bolsonaro tem artifícios para tentar impactar diretamente as estratégias de cima para baixo e a integridade institucional. Portanto, embora estratégias legais sejam importantes, devam ser observadas e possam render informações valiosas (como evidências de fraude, ou informações essenciais

sobre leis eleitorais que possam sustentar a resistência civil), elas não são o foco deste guia.

Elas podem, no entanto, funcionar bem se somadas à resistência civil, porque a resistência civil tem um histórico de revitalização de instituições e processos institucionais. Há na história movimentos que expuseram fatos que auxiliaram decisões judiciais importantes, mostrando uma injustiça com profundidade. Um exemplo perfeito de ambos os pontos é o resultado dos boicotes aos ônibus em Montgomery (1955-1956), que resultaram em uma [decisão da Suprema Corte dos EUA](#) favorável aos ativistas. Sem resistência civil, o caso poderia não ter chegado à Suprema Corte, e, se ainda assim chegasse ao tribunal, mas sem resistência, o resultado poderia ter sido diferente.

### **3. Que tipo de tática devo empregar?**

Há uma grande variedade de táticas de resistência civil que você pode escolher. Elas se dividem em duas categorias. A primeira é chamada de “atos de comissão”. Diz respeito a quando você *faz* coisas (comissão = cometer atos) que não deveria fazer, não se esperava que você fizesse ou que você estava proibido de fazer. Isso inclui táticas como iniciar seu próprio grupo de proteção às eleições, exibir certos símbolos de protesto ou participar de manifestações, marchas e bloqueios não-violentos. A segunda categoria é chamada de “atos de omissão”, quando você *não faz* coisas (omissão = omitir atos) que deveria fazer, que se esperava que você fizesse ou que foram solicitadas a você. Há muitos atos de omissão possíveis, incluindo paralisações de todos os tipos; desaceleração deliberada do trabalho; boicotes variados; desinvestimento; recusa em pagar certas taxas, contas, impostos ou outros custos; ou deixar de observar certas normas sociais e comportamentos.

Os exemplos acima são apenas algumas das táticas que criam pressão social, econômica e política. Ao longo da história, em resposta às circunstâncias e necessidades locais, as pessoas foram muito criativas em encontrar maneiras de se engajar na resistência civil. Sabemos que você também pode encontrar caminhos criativos.

Existem inúmeros fatores que contribuem para o sucesso de uma tática, incluindo ser organizado; ter papéis claros para os participantes (muitas táticas dependem de uma boa logística e das pessoas responsáveis por ela); criar comunicação eficaz com o(s) público(s) visado(s); ter um plano de engajamento da mídia; manter a disciplina da não-violência; ter uma demanda ou meta clara e específica; escolher um alvo adequado para a sua tática (quem você quer

pressionar, ou possivelmente recrutar para apoiar a sua iniciativa – pesquisas ajudam nesse sentido); desenvolver diferentes planos de contingência (e se a situação a, b, ou c acontecer?).

A lista parece longa, mas não é necessário um conhecimento especializado para responder a essas questões. É preciso que haja uma abordagem ponderada, bom senso, um pouco de planejamento e pesquisa e um bom processo coletivo. Muitas vezes dá trabalho colocar boas táticas de pé, mas vale a pena! Você geralmente vai obter delas o que você depositar. E dependendo da tática específica que você planeja, pode haver outros fatores importantes. Por exemplo, às vezes o clima é realmente relevante para o sucesso ou fracasso de uma tática. O tempo também é importante (sua tática tem momentos claros de começo e fim? Você quer que isso aconteça na hora do *rush* ou em um feriado específico?). A escolha do local também pode ser determinante para ações públicas (ou pode não ser importante, por exemplo, em um boicote de consumo, uma ação de desinvestimento ou uma greve do tipo fique-em-casa – iniciativas que não reúnem pessoas em um mesmo local). Novamente, muitas possibilidades dependem do que você deseja e do seu contexto.

Para ajudar você, criamos uma [planilha de planejamento tático](#). Mergulhe nela! É interessante e divertido.

Planejar antecipadamente é ótimo, mas e quando você não tem tempo para planejar? Por exemplo, quando o governo Trump proibiu o ingresso nos EUA de viajantes de vários países de maioria muçulmana, em 2017, manifestantes se dirigiram imediatamente aos aeroportos norte-americanos. Eles não tiveram tempo de planejar com antecedência, mas foram capazes de se mobilizar de forma rápida porque *já tinham* desenvolvido redes e equipes qualificadas com antecedência. Estavam, portanto, prontos para entrar em ação e fazerem suas reivindicações. Parte do que você pode fazer é investir em como ser proativo ao iniciar as táticas que você planeja, bem como reativo se precisar entrar em ação e dar uma resposta rápida. Ambas as habilidades são necessárias.

Aqui vão dois outros fatores gerais que devemos ter em mente, não importa(m) qual(is) tática(s) você escolha: *inovação tática* e *sequenciamento tático*.

A inovação tática refere-se ao desenvolvimento de novas táticas ou à execução de táticas existentes (por exemplo, manifestações) em um tempo, lugar ou modalidade, de forma inovadora ou criativa. Isso é importante porque novas táticas atraem mais atenção (do público, de potenciais apoiadores e da

imprensa). Elas geram entusiasmo, podem criar pontos de pressão e permitem que seu grupo inicie eventos (referidos como “tomar a iniciativa”). Eles fazem com que seu oponente/alvo se torne reativo (observe novamente que, neste guia, nossa definição de “opponente” significa um adversário numa disputa, não um inimigo. Existe um potencial de reconciliação com oponentes se eles mudarem seu comportamento. As pessoas podem mudar).

Em contraste, fazer a mesma tática da mesma maneira previsivelmente por dias seguidos pode levar à perda do entusiasmo e da participação (as pessoas se cansam) e à perda de atenção do público. Isso dá ao seu oponente tempo para se reunir, criar uma estratégia de resposta e, em seguida, se envolver em contra-ataques táticos (quando o oponente tenta “retomar a iniciativa”). Como exemplo, todos nós podemos provavelmente pensar em um caso no qual as pessoas ficaram presas em ciclos de um mesmo tipo de protesto que não permitiu inovação tática e, conseqüentemente, frustrou e desmotivou as pessoas.

Não há regras rígidas e diretas sobre quando uma tática se torna “velha” e precisa ser substituída. Algumas manifestações seguem crescendo ao longo das semanas! Outras minguam após um dia de mobilização. Às vezes, fazer a mesma tática toda semana pode indicar disciplina e compromisso. Mas também pode mostrar falta de unidade ou estratégia (todos percebem que algo deixou de funcionar, mas ninguém consegue decidir o que mais o grupo deveria fazer). Não há uma fórmula para essas questões. Mas se a sua equipe trabalhar bem em conjunto, você saberá melhor como navegar no contexto local – quando pressionar, recuar, manter o curso ou rever a trajetória. O que não vai mudar é o seu compromisso de *ficar firme* e defender a democracia, e há muitas maneiras de fazer isso por meio da resistência civil.

Um último ponto diz respeito à importância do sequenciamento tático. Esse termo significa o desenvolvimento de um conjunto de táticas que cria pressão com foco em um objetivo-chave. Táticas por si só podem ser potentes, mas adquirem um poder ainda maior quando formam parte de uma sequência e estratégia.

Por exemplo, se você quiser que as pessoas participem de um boicote de consumo, você pode lançar uma convocação, mas as pessoas em sua comunidade podem não responder. Talvez eles não estejam prestando atenção ou não tenham visto a sua mensagem. Elas também podem desconfiar da sua

capacidade para viabilizar o boicote. É quando elas se perguntam: vale a pena participar?

Mas e se você, primeiro, organizar uma sessão de planejamento, treinamento ou compartilhamento de informações que dure duas horas e atraia 25 pessoas? Essas 25 pessoas (que agora você conhece) aceitaram seus princípios de mobilização e contribuíram com ideias. Cada uma delas saiu e recrutou cinco amigos que vão participar de um protesto público. Agora já são mais de 100 pessoas protestando juntas, chamando a atenção para um problema, articulando um objetivo e exigindo um boicote da comunidade. Você tem um objetivo claro e declarações claras para a imprensa como resultado de seu protesto. Também tem bons vídeos e fotos para as redes sociais. Dessa maneira, é mais provável que a convocação para o boicote seja ouvida e obtenha uma resposta. As pessoas da comunidade verão o quanto você está comprometido. Também terão aprendido algo sobre você e sua causa ao ver você pessoalmente ou por meio da imprensa. Aumenta também a probabilidade de que as pessoas da comunidade conheçam pessoalmente alguém envolvido no protesto. Progredir para um boicote agora parece muito mais possível e potente.

Portanto, quando você desenvolve uma tática, é importante vê-la no contexto do que veio antes e do que você planeja fazer depois.

Esses dois conceitos – inovação tática e sequenciamento tático – ajudam a explicar o mistério de por quê, às vezes, uma tática em particular é altamente eficaz em um determinado lugar e momento, mas não o seja em outro contexto. Pode ser porque a tática deixou de ser inovadora, não está devidamente sequenciada ou sequenciada de forma alguma. Esses dois conceitos também ajudarão você a garantir que suas táticas sejam novas, bem-sucedidas e causem impacto.

#### **4. Que tipo de mensagem devo usar quando me envolver em ações públicas?**

O tipo de mensagem que você usa em suas táticas depende do seu público. Se você está falando para servidores públicos, você deve tentar entender seus interesses e valores, bem como os símbolos e as palavras que têm um significado especial para eles, para que você possa se comunicar e ser ouvido.

Se você estiver tentando falar com o público em geral, é importante estabelecer prioridades e refletir sobre quais grupos específicos você deseja alcançar. Há muitos grupos diferentes no público geral. É difícil criar mensagens que

cheguem a todos eles ao mesmo tempo. Então, por exemplo, ao fazer uma manifestação, talvez você queira personalizar sua mensagem para alcançar as pessoas com potencial de simpatizar com as suas ideias, mas que ainda não deram o passo para se juntar a você. Você pode fazer uma pequena pesquisa ou conversar previamente com algumas dessas pessoas para tentar descobrir por que isso acontece. Desse modo, quando você fizer uma ação pública, parte do seu objetivo de comunicação será levar essas pessoas do apoio passivo à participação ativa.

Ao elaborar mensagens, o contexto local também é muito importante. Para pessoas que vivem e trabalham em diferentes comunidades, estados e regiões existem certas histórias, palavras e referências que importam muito para elas. Saber quais são essas referências pode ser muito útil para desenvolver uma comunicação que produza impacto.

Há também alguns *temas* gerais de comunicação em torno da proteção eleitoral que são importantes. Um deles é que a nossa causa visa o bem do país como um todo, não apenas um partido ou segmento. Se irregularidades não forem investigadas e remediadas de modo imparcial e/ou se os resultados eleitorais não forem respeitados, não será uma questão partidária. Trata-se de um problema para todo o país. É uma questão constitucional. Por isso, nos reunimos em uma só voz nesta questão.

Podemos já antever que aqueles que procuram subverter a eleição tentarão tirar o foco de suas ações e mobilizar o público contra nós, com a acusação de que somos orientados por uma agenda partidária. Essa é outra razão para afirmarmos proativamente este tema central: estamos defendendo a democracia, um governo que seja responsável e a Constituição.

Também podemos esperar críticas pelo envolvimento em alguma forma de resistência civil ou dissidência. Por isso, é importante comunicar e lembrar as pessoas que estamos exercitando nossos direitos e agindo conforme as mais elevadas tradições de outros que vieram antes de nós e se mobilizaram para melhorar o país.

Também podemos pedir a funcionários do governo que respeitem seus juramentos de posse (nos EUA implementaram um plano de campanha nessa perspectiva: [Compromisso para defender a democracia](#)). Podemos dizer a essas pessoas que, se elas se juntarem a nós, serão acolhidas. Não somos contra as

milhares de pessoas que trabalham no governo. Somos contra a ação de pessoas que tentam subverter as eleições, e gostaríamos que aquelas que se subordinam a essas lideranças não cooperem com esse tipo de comportamento. Se as pessoas mudam, há um caminho aberto para se juntarem a nós.

Por fim, muitos líderes autoritários gostam de dizer que os manifestantes estão criando o caos. Se encontrarem um único incidente em todo o país como exemplo, eles vão incentivar a circulação de notícias a esse respeito e ignorar todos os outros que se mobilizaram e participaram. Não podemos controlar totalmente esse tipo de situação. Além disso, num contexto de desinformação, alguns incidentes que circulam nas redes sociais podem ser fabricados ou totalmente enganosos. Ainda assim, precisamos ser cuidadosos e não desconsiderar alegações de que a ação não-violenta leva ao caos; então, à nossa maneira, poderemos mostrar coragem e paixão, bem como organização e disciplina. **Queremos um processo ordeiro. Bolsonaro é quem está semeando o caos.**

As questões anteriores são algumas considerações em relação à nossa mensagem.

##### **5. O que acontece se pessoas que participam de nossas ações começarem a ser violentas, afirmando que a resistência civil e os atos de violência podem funcionar juntos?**

Afirmamos muitas vantagens estratégicas importantes da resistência civil *versus* violência em vários pontos deste guia. Para resumir, em comparação com a violência, a resistência civil:

1. É mais participativa, e pode engajar mais pessoas.
2. É muito mais eficaz no confronto de governos irresponsáveis do que uma oposição violenta – uma conclusão que tem base em provas empíricas.
3. Tem potencial maior de levar a deserções entre os apoiadores de um oponente.
4. Tem maior probabilidade de diminuir a intensidade da repressão usada contra um movimento.

5. Torna mais provável que a repressão contra um movimento saia pela culatra.
6. Tem mais chances de levar a um resultado democrático ao término de um conflito.
7. Contribui mais para manter o foco nas questões do movimento, em vez de permitir que o oponente mobilize a pauta “da lei e da ordem”.

A violência tende a estabelecer uma dinâmica oposta aos sete pontos que listamos anteriormente. Isso ocorre mesmo que a violência de um governo e de seus apoiadores seja muito maior do que a de uma parcela dos participantes de um protesto. Assim, por exemplo, mesmo que a polícia tenha equipamentos antiprotesto ou que os apoiadores do oponente de um movimento tenham armas, se as pessoas jogarem coisas neles e estiverem armadas, o fato de que as pessoas os estão ameaçando cria dinâmicas que favorecem um governante autoritário. Pesquisas mostram que quando há uma percepção de que um movimento está envolvido em atos de violência e destruição de propriedade, seus principais apoiadores podem manter o apoio, mas as pessoas que o apoiaram passivamente ou eram neutras se afastam do movimento numa proporção significativa. Enquanto isso, os opositores do movimento ficam mais mobilizados. Assim, a violência e a destruição de propriedade podem impedir um movimento de crescer além de sua atual base de apoio e podem isolá-lo em relação ao restante da população. Isso, por sua vez, impede que um movimento de resistência civil exerça totalmente sua força e seu potencial.

Há quem pense que a dinâmica acima é injusta, ou que a contraviolência é moralmente justificável como forma de defesa. Nosso ponto não é se isso é justo ou não; nem estamos a discutir a questão moral da violência. Nosso ponto é que escolher a resistência civil é uma questão de impacto estratégico e engajamento, para promover mudança, e que tem se provado mais eficaz de modo consistente.

Líderes autoritários geralmente entendem esse aspecto em particular. Por isso, uma de suas táticas favoritas é ter pessoas que fingem ser manifestantes e começam a se envolver em violência ou atos significativos de destruição de propriedade. Há um termo em francês para esse tipo de infiltrado: *agents provocateurs* (“agentes provocadores”). O autoritarismo e outros movimentos usam provocadores para tentar desacreditar mobilizações, tirar as queixas dos movimentos da agenda do dia e dar uma desculpa para que o líder autoritário reprima violentamente (aqui temos um [caso](#) suspeito de um suposto provocador

em meio a protestos do Black Lives Matter). Às vezes, provocadores também aparecem em reuniões e tentam encorajar ativistas a se envolverem em violência e se tornarem hostis às pessoas que deles discordam. Ter princípios claros de comprometimento com meios não-violentos e uma forma de tratar e respeitar os demais pode ajudar a evitar que isso aconteça.

Ao dizer isso, não queremos afirmar que todas, ou mesmo a maioria, das pessoas que podem se envolver em atos violentos sejam provocadores. Algumas usam a violência porque acreditam que ela se justifica, estão com raiva, acham que isso lhes dará mais segurança ou por motivações alheias aos objetivos do movimento. Além disso, se o comportamento de alguém destoa em reuniões ou ações públicas, essa pessoa pode simplesmente ter um estilo de comunicação ou opinião diferente dos demais. Não há necessidade de rotular uma pessoa como provocadora a menos que você tenha provas claras (acusações sem evidências podem ser extremamente danosas a um grupo). Em vez disso, você pode se concentrar em verificar se o comportamento é consistente com os princípios de organização do grupo. Se não o for, então seu grupo não é o grupo certo para essa pessoa. Isso simplifica a questão e pressupõe uma intenção genuína para todos.

Você será o melhor juiz para decidir se há risco de violência em qualquer ação que você desenvolva. Alguns podem achar que o risco é baixo, enquanto outros estarão mais preocupados. Se você estiver preocupado, aqui vão algumas medidas para proteger você e o seu movimento do impacto de pessoas envolvidas em atos violentos:

1. Com antecedência, crie um código de conduta para as ações públicas que você organiza e certifique-se de que esse código seja divulgado de forma clara a tempo de ser lido.
2. Afirme em declarações públicas que, por definição, seu grupo está comprometido com meios não-violentos. Assim, as pessoas saberão que, se houver violência, seu grupo não é o responsável.
3. Use roupas que identifiquem o seu grupo, de modo que pessoas infiltradas para agir com violência sejam claramente percebidas como vindas de fora.
4. Avalie a possibilidade de trabalhar com outros grupos para desenvolver equipes de paz (ou *pacificadoras*) – pessoas que trabalham

juntas em ações públicas para ajudar a prevenir e amenizar situações indesejadas.

5. Se você conhece grupos que não têm um compromisso com a disciplina não-violenta, mas que talvez apareçam em uma ação pública que você está organizando, você pode entrar em contato e informá-los que seu grupo organizou a ação e está pedindo a todas as pessoas que estejam de acordo com um conjunto de compromissos compartilhados. É uma demanda justa a se fazer se o seu grupo estiver organizando a ação.

6. Em alguns casos, as pessoas podem optar por informar proativamente a polícia sobre seus planos e ações, dirigindo-se a uma delegacia com antecedência para informar os planos do grupo. O objetivo dessas reuniões pode ser desescalar o possível risco de confronto com a polícia durante sua ação.

Nenhuma das medidas acima é perfeita. Mas são opções que você pode considerar. A oposição violenta pode ajudar um líder autoritário a subverter os resultados das eleições. Evite dar o que eles querem. Em vez disso, foque na vulnerabilidade do governo à resistência civil.

## **6. E a destruição de propriedade?**

Como afirmamos anteriormente, atos de destruição de propriedade criam uma dinâmica semelhante à da oposição violenta. Permitem que o líder autoritário mude a pauta para uma questão de lei e de ordem; retrate o movimento como perigoso, caótico e uma ameaça ao público; e dê ordens extremas. Alguns atos de destruição de propriedade também têm o potencial de aumentar a lealdade a governos autoritários das pessoas que integram os pilares do poder, afastando-as da deserção. Como afirmamos, a maioria das pessoas não desertará se sentir que a alternativa é o caos ou a desordem.

Assim como a violência, há quem diga que essa dinâmica não é justa – que um autoritário que toma ações que ferem ou matam pessoas é julgado de modo diferente em relação a um movimento que destrói uma propriedade. Além do fato de que certas formas de destruição de propriedade, como um incêndio criminoso, podem prejudicar, ferir ou matar pessoas, concordamos que não é justo que os movimentos sejam julgados com critérios diferentes em relação a um oponente autoritário. Não podemos resolver esse problema, mas podemos

afirmar que não existe uma estratégia viável baseada no uso de destruição de propriedade que possa defender a democracia, protegendo as eleições de 2022.

**7. Como saber se o outro lado responderá se usarmos a resistência civil para proteger as eleições? O que acontece se o outro lado ordenar uma repressão violenta ou seus apoiadores forem violentos?**

Se Bolsonaro se comportar como outros autoritários, aqui estão algumas coisas que ele pode fazer quando confrontado com a resistência civil:

1. Espalhar desinformação sobre o movimento, classificando-o de “perigoso” e agente de uma tentativa de golpe, o que obviamente seria o que ele está tentando fazer se pretende “melar” os resultados eleitorais.
2. Incitar apoiadores a se mobilizarem para enfrentar o movimento que ele rotulou de “ameaça”, dizendo-lhes que deveriam cumprir seu dever patriótico de “proteger o país”.
3. Prender ativistas, fazendo com que seu procurador-geral inicie investigações sobre eles.
4. Ordenar que as forças do governo se envolvam em repressão violenta, de modo a dissuadir outras pessoas a se engajarem na resistência civil e tentar provocar uma resposta violenta.
5. Em casos extremos, tentar declarar “estado de defesa” ou invocar estado de sítio” (permitindo o uso de forças militares dentro do país).

Embora essas ações sejam assustadoras e intimidadoras, queremos trazer de volta algumas verdades:

1. Líderes autoritários não têm a capacidade de controlar a todos, em todos os lugares, o tempo todo. A repressão também é cara e os recursos do Estado são limitados. Por isso, a repressão em um único lugar muitas vezes tem o objetivo de assustar e intimidar as pessoas de forma geral. Uma solução para isso é se recusar a se intimidar, tendo em vista que o autoritário em questão não tem estratégia ou recursos para confrontar pessoas em vários lugares e que se recusam a ter medo.

2. Em alguns lugares e para algumas táticas, o risco de violência pode ser baixo. Você é a pessoa capaz de melhor julgar os riscos com base no conhecimento sobre o seu contexto local. Se você estiver preocupado com a repressão e deseja evitá-la, considere implementar táticas de menor risco, como boicotes. Eles ainda são potentes e não envolvem muita exposição pessoal.

3. A violência contra pessoas não-violentas com queixas legítimas tende a ser um tiro pela culatra dos perpetradores e levar a deserções (ver *Manual do tiro pela culatra* na seção de [Recursos adicionais](#) para obter mais informações sobre como isso acontece). O apoio público tende a migrar para o movimento. Além disso, nem todos os agentes do Estado ficarão entusiasmados com a repressão violenta contra manifestantes não-violentos com queixas legítimas. Alguns agentes apoiarão a repressão, enquanto outros dentro dessas mesmas instituições podem se opor. Às vezes, deserções e divisões dentro das instituições podem começar simultaneamente a ordens repressivas dadas pelas lideranças. Um dos melhores impedimentos da repressão futura é se a repressão anterior saiu pela culatra. Esta é uma razão pela qual agir de forma não-violenta tende a levar a repressões menos severas. Depois que a repressão sai pela culatra uma vez, as autoridades hesitarão em agir assim novamente.

4. Lembre-se de que a repressão contra os resistentes não-violentos com queixas legítimas representa o desespero do autoritário. Não se trata de um sinal de força, e sim de fraqueza. Os autoritários costumam ordenar a repressão quando estão prestes a perder o poder e o controle.

5. Lembre-se das apostas do conflito. Se uma eleição for corrompida, o futuro do país corre imenso perigo. Vale a pena lutar não violentamente por isso.